

Ontem e Amanhã na Universidade em Discurso Direto

José Tavares
Iria Brzezinski
Isabel Alarcão
Pedro Demo



Capítulo 3. Mediação e as novas formas de conhecer e aprender

Muitas das ideias que neste capítulo iremos retomar já foram evocadas anteriormente, mas nunca será demais insistir revisitando temáticas e olhando-as de diferentes pontos de vista, porque esta matéria começa a assumir uma relevância especial e configura uma das principais janelas para antever os contornos das novas formas de conhecer e aprender que o futuro certamente nos trará. Importa também considerar a antiga, e a nova, ideia de mediação no seu sentido mais abrangente e profundo com as suas implicações nos sujeitos aprendentes e pesquisadores, nos métodos, currículos, instituições formadoras e contextos bem como nos próprios resultados e impacto das ações. Na verdade, as tecnologias mais avançadas e as mais diversas formas de comunicação, gestão e intervenção estão a criar, como começa a ser aceite, dito e repetido por muita gente, um clima mental, afetivo e comportamental que pouco tem a ver com o das gerações anteriores, embora as suas bases há muito viessem a ser lançadas pelos obreiros da formação, da educação e da pesquisa de ontem e de hoje, nos quais nos incluímos pelo que, de algum modo, aqui deixamos também o nosso modesto contributo.

Na sua essência, mediar é potenciar as capacidades dos atores nos processos educativos ou investigativos para ultrapassarem o estado de

não-saber em que ainda se encontram através do diálogo orientado para a compreensão. Estão a ser criados novos ambientes de formação mediadora, de aprendizagem e pesquisa com uma nova visão do mundo e da vida que nos possibilitam olhar para o mundo de outro jeito, comunicar, partilhar e construir novo conhecimento através de processos de gestão da informação distintos e estabelecer outro tipo de relações com o tempo, o espaço, as pessoas e a informação à luz de uma nova epistemologia e de novas formas de conhecer, aprender e pesquisar.

É uma nova cibercultura mental, afetiva e atitudinal em que se conjugam e articulam estreitamente a velocidade e a circulação da informação, a intercepção das múltiplas e diversas áreas do conhecimento e o advento e a consolidação das tecnologias mais avançadas da informação e da comunicação. Para ter uma ideia, por exemplo, da velocidade da informação, pode fazer-se apelo ao tempo que levaria a transferência de todo o conteúdo da biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, a maior do mundo. Em 2004, por exemplo, graças a um novo equipamento da Cisco, com uma taxa de velocidade de 92 terabytes por segundo, seriam necessários apenas 4,6 segundos. Em 1980, a mesma operação, pelos processos então disponíveis, teria levado 661 anos.

A velocidade e facilidade da circulação da informação são um dado incontroverso e transformou-se num enorme desafio em relação aos processos de conhecer, aprender, pesquisar, comunicar, agir, trabalhar a distância, tomar decisões quase em tempo real, em qualquer ciberlugar do planeta, o que, hoje, sobretudo, começa a poder fazer-se próximo dos 100%. através da cobertura por satélite. Neste novo contexto, o volume da informação terá que seguir a regra do máximo de comunicação no mínimo de tempo e espaço, sem perder de vista a qualidade como norma e a excelência, o fora de série, como objetivo. De acessibilidade generalizada, aberta a diferentes gostos, saberes, necessidades e níveis culturais, compete a cada um saber discernir entre o relevante e o não relevante, o correto e o incorreto, os fatos e as opiniões, o

contextualizado ou o descontextualizado. Esta é uma das grandes tarefas dos tempos modernos e a educação tem de desenvolver nos jovens este espírito de discernimento, de consciência crítica. A medida da formação e a preparação pessoal e profissional não podem ser mais a do tempo e do espaço da escola de um passado não muito distante, mas a do tempo e do contexto da vida do presente e do futuro, de alguma forma, já antecipado e experienciado.

Além disso, a extraordinária velocidade com que a informação se desatualiza, a quantidade e a qualidade de informação e da sua gestão e transformação em conhecimento novo e a mais-valia na sua aplicação obrigam as pessoas a conhecer e a aprender formando-se e pesquisando contínua, eficazmente e em colaboração ao longo da vida. Também convirá ter presente a caducidade e volatilidade da informação armazenada na dita nuvem, pois que um minúsculo chip desconectado ou destruído poderá levar tudo a perder e provocar “apagões” de informação irrecuperáveis. São os novos contextos em que se conhece, se aprende, se é cidadão, em que nos informamos e somos informados nas sociedades de hoje e de amanhã em que, porventura, já nos encontramos. Compreensão dos conceitos e rigor na sua utilização, criatividade, pensamento, reflexão, flexibilidade, e não propriamente apenas memorização (se bem que alguma também é necessária), inércia e habituação, que predominaram num passado ainda não muito distante, deverão ser a chave da formação e da pesquisa de hoje e, sobretudo, de amanhã. Mais do que nunca, ser intelectual, criativo, dialogante e interligado, persistente e resiliente irá ter um lugar de destaque no futuro em que o valor acrescentado da comunicação entre as pessoas e as organizações, bem como a transação de bens e serviços, será indispensável e determinante. Por isso, dominar os conteúdos, os meios de informação e comunicação mais avançados, compreender os contextos e agir sobre eles de um modo crítico, rigoroso e criativo e saber trabalhar de um modo esforçado, voluntário, sério, exigente, responsável e em equipe, em colaboração, será a melhor forma de produzir saber, construir conhecimento novo e aplicar esse

conhecimento estratégica e eficazmente na transformação da vida cidadã em todos os azimutes e em todas as suas formas. É tudo isto que a mediação, no seu sentido mais profundo e alargado, como tudo aquilo que contribui como causa material, formal ou eficiente para um resultado final, irá, com certeza, configurar e transferir para os sistemas de formação e de pesquisa de uma forma mais atual e inovadora e poderá exigir uma nova forma de ser e estar cidadã nas sociedades emergentes, mais ou menos globalizadas, do presente e do futuro.

A esta luz, abmediação volta, de novo, à ribalta e começa a ter uma importância primordial nos nossos dias. Mediação da cultura, das aprendizagens, do progresso científico, da tecnologia, dos objetos, das pessoas, dos acontecimentos, das relações e, designadamente, das relações positivas e até das indiferentes – se é que existem – e também das negativas que não poderão ser descartadas e muito menos esquecidas ou simplesmente negadas. Mediação é tudo aquilo que, de alguma maneira, acontece entre o ponto de partida e de chegada de todo e qualquer projeto humano ou trajeto de formação, educação, cultura, socialização mais ou menos abrangente no tempo e no espaço. Causas eficientes, materiais, formais e finais assumem ou poderão assumir uma função mediadora nesses projetos ou trajetos que são também o caminho que a humanidade vem fazendo do fundo do tempo até aos nossos dias e continuará no futuro, sejam quais forem as metamorfoses de transformação que possam acontecer, bem como os outros caminhos e transformações que os mundos existentes já fizeram e continuarão a fazer no futuro em medidas de espaço-tempo ou, porventura, de além tempo. A ação mediadora no espaço e no tempo é verdadeiramente inefável, demiúrgica e criativa, podendo exprimir-se por ideias, sentimentos, desejos, vontades, pessoas, objetos, acontecimentos ou simplesmente coisas.

Há, no entanto, uma mudança que está e irá configurar uma nova forma de ser, de estar e agir e se inscreve numa dinâmica de matriz mais helicoidal do que linear, distinta da dos tempos precedentes. Na era da escrita e dos materiais impressos, a organização da informação seguia uma ordem

linear com uma certa sequência em que os conteúdos, as aprendizagens anteriores funcionavam como pré-requisitos das aprendizagens seguintes. As pessoas, os alunos, deveriam saber primeiro isto depois aquilo e aqueloutro como precedências do que viria a seguir. Hoje não é tanto assim, sobretudo nas aprendizagens a um nível mais avançado. Hoje, essa linearidade alterou-se e continua a alterar-se vertiginosamente e, cada vez mais, tudo, de certa forma, se apresenta ao mesmo tempo e no mesmo lugar. Basta lembrar o que aconteceu nestes últimos 30 anos com a evolução dos computadores ao nível do hardware e do software, que muitos de nós tivemos oportunidade de experienciar. Efetivamente, com o uso dos computadores, por vezes, não de forma muito amigável, sobretudo no seu início, construímos textos, hipertextos e organizamos o conhecimento em rede. O desenvolvimento e a abertura nos mundos da net, da 2, 3 ou 4 D, abriram novos espaços que os grandes motores de pesquisa e as plataformas de ligação, bem como a possibilidade de criar fácil e, mesmo, gratuitamente, páginas na internet continua a abrir-nos mundos nunca antes imagináveis em que as pessoas podem ser muito mais autônomas, responsáveis, livres e interligadas. O próprio texto que estamos a construir a várias mãos beneficia de todas essas possibilidades que hoje estão ao nosso alcance.

Efetivamente, os novos caminhos que se abrem nos domínios do conhecimento, da ciência, da arte e das tecnologias mais avançadas estão à mercê de um simples click. É verdadeiramente extraordinário e maravilhoso este nosso mundo onde tudo permanece, se transforma e, porventura, se transmuta vertiginosamente. O diálogo direto ou quase direto entre pessoas de países diferentes com culturas, raças, valores e crenças distintos acontece praticamente em tempo real. A internacionalização, o derrube de fronteiras entre os povos, os territórios e os conhecimentos, a comunicação e os comportamentos aí estão como a prova provada do que está a acontecer, não obstante algumas resistências da mais variada ordem que, infelizmente, ainda persistem e teimam em continuar. Os exemplos estão à vista de toda a gente

nos cinco continentes, cujos pequenos icebergs emergem todos os dias na comunicação social ao nível global. Tudo é rápido, tudo é para agora, para o imediato ou para ontem, just in time e, se possível, just for you, para cada uma das pessoas, das organizações, das sociedades, para vocês todos que estão aí e os que virão. É neste caldo de cibercultura num ciberespaço e num cibertempo que tudo efetivamente está a acontecer e cujas consequências, dos mais diversos pontos de vista, estão longe de ser devidamente avaliadas e compreendidas.

A ação e a intervenção a distância começam a ser uma realidade nas mais diversas áreas. De destacar a medicina em que a transmissão de dados com aparelhos de alta precisão possibilita realizar cirurgias à distância, com o apoio e a monitorização dos melhores especialistas e técnicos na especialidade, a partir dos mais variados e afastados lugares do planeta. Computadores cada vez mais potentes, rápidos, versáteis e fiáveis como os que acabam de ser lançados no Japão, permitem o controle remoto das mais variadas atividades e situações, como a vida dos filhos na escola com câmaras ligadas à internet. Os exemplos desta realidade emergente e célere poderiam multiplicar-se olhando para o que está a acontecer com as TVs, os telemóveis, os smartphones, as tabletes etc. Um mundo aberto e em desafio permanente ao homem dos novos tempos e do futuro para o qual cada um precisa de adquirir, ou mesmo inventar, uma nova maneira de estar e um novo estilo de vida, contrariando, quiçá, um certo superficialismo consumista e de tecno-desemprego e o fosso entre as classes mais ricas e as mais carenciadas que se está a acentuar e a provocar uma exclusão enorme e dramática de um grande número de seres humanos, que as sociedades do futuro não poderão absorver com o mínimo de equilíbrio e dignidade.

Neste contexto, a formação, a educação do novo cidadão, com todos os processos mediadores de que hoje se dispõe, não poderão processar-se mais da mesma forma. Os projetos e os trajetos educativos, em que a formação e a pesquisa deverão caminhar lado a lado e implicar-se mutuamente, não poderão mais seguir os processos do passado. Há uma mudança obrigatória e urgente

a fazer, mudança que terá que ir ao encontro da transformação e adaptação das instituições de formação e de pesquisa e aos desafios das novas formas de conhecer, aprender e pensar que deverão conformar os atores, os processos, as dinâmicas, os conteúdos, os métodos, numa palavra, as várias formas de mediação em função dos objetivos e das metas que se pretende alcançar.

E quais são essas metas? Refletindo um pouco sobre as situações, desde as mais concretas e localizadas às mais gerais e abrangentes, poderíamos destacar algumas ideias em torno das quais se poderia constelar um determinado conjunto de metas orientadoras.

Formação de cidadãos autônomos, responsáveis e solidários

Entendendo por cidadania o conjunto dos direitos e deveres de um indivíduo relativamente à sociedade, há três valores que, na nossa opinião, se destacam: autonomia, responsabilidade e solidariedade. O mundo globalizado da atualidade, com os seus desafios e ameaças, precisa de pessoas que sejam responsáveis no uso da sua liberdade, autônomas no pensamento e na ação, solidárias e respeitadoras dos direitos humanos e atuantes em prol do desenvolvimento das pessoas e da sociedade. Estes valores, que fazem parte do nosso modo de ser e se bebem nos ambientes educativos familiares, escolares e sociais, manifestam-se nas competências para agir em convivência dialogante com os outros. Mas não nos iludamos, as competências desenvolvem-se sobre os alicerces dos valores interiorizados e dos conhecimentos sólidos.

Formação de pessoas capazes de apresentar soluções novas, inteligentes, criativas, adequadas e eficazes para os desafios de hoje e de amanhã

Este poderia ser um primeiro conjunto de metas a considerar para dar resposta ao tipo de questões que hoje se levantam. E este ideal tem de

começar na docência e nas aprendizagens, o que nem sempre acontece. É penoso ver as pessoas fazerem alarde de inovação repetindo, nos mesmos moldes, o que vêm fazendo há dezenas de anos. Não é difícil notar de imediato – e aos aprendentes isso não passa despercebido – que as palavras não jogam com a inovação que se pretende propagandear, soando a falso ou a faz de conta. A inovação tem que ser genuína e criativa e obrigar a mudar radicalmente as atitudes, as ideias, as estratégias e os métodos. Não é possível pensar, comunicar e agir de um modo diferente sem novas ideias e atitudes e, sobretudo, sem um novo conhecimento teórico e aplicado.

A preparação de pessoas inteligentes, livres, capazes, com uma formação sólida, flexível e abrangente, equilibradas, criativas, competentes pessoal e profissionalmente, cidadãs do mundo e de um mundo global deveria ser uma aposta prioritária em todo e qualquer sistema de socialização, educação, formação e pesquisa. Mas não basta falar, é preciso ser-se consequente, disponibilizando e organizando eficazmente os meios humanos, logísticos, materiais e tecnológicos adequados para o efeito, o que nem sempre acontece. E, sobretudo, é preciso minimizar as desigualdades e injustiças que continuam a ser, em muitos casos, simplesmente chocantes. De qualquer modo, a formação de todas as pessoas para as novas sociedades do futuro continua a ser o maior, o mais imperioso e inadiável desafio. Assim foi no passado. Continuou a ser no passado bem recente como recordou Mandela na sua frase que ainda ecoa pelo mundo “a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo” ou emergiu nas palavras de Malala Yousafzai, no seu discurso na ONU: “Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo. Educação é solução”. E assim será no futuro, estamos certos.

Desenvolvimento de relações bidirecionais entre o pensamento e a linguagem e as competências comunicativas para a construção e produção de conhecimento em qualquer área da atividade humana

Este deveria ser um outro conjunto de metas a sublinhar e a integrar num programa de formação com base no novo conhecimento científico e tecnológico dos nossos dias que pouco tem a ver com as teorias e práticas do passado. É por demais conhecida a relação entre o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento cognitivo, um e outro interagindo e influenciando-se mutuamente, pelo que grande atenção tem de ser dada ao desenvolvimento da linguagem. É através dela que se pode conhecer mais e fazer melhor, aprender a saber fazer e aplicar, o mais correta e eficazmente possível, esse conhecimento às novas e mais diversas situações. Para isso, é preciso não apenas conhecer e aprender bem, é preciso também ser capaz de transferir ou transpor esse conhecimento e essas aprendizagens para outras tarefas e situações, por mais diversas e difíceis que elas se apresentem. Só assim as pessoas poderão dizer que efetivamente aprenderam. E também aqui a linguagem tem um papel importante a desempenhar. A expressão de ideias e sentimentos e a comunicação entre as pessoas são competências cada vez mais apreciadas no mundo de hoje. Dependendo dos contextos, assim também dependem as características da comunicação, mas alguns aspectos se mantêm: a clareza, a lógica, a cativação do interesse. Ao falar de linguagem, convém recordar que há várias linguagens e vários canais para a sua utilização, todas elas merecedoras da atenção dos educadores. Falamos de linguagem verbal, gestual, proxémica, mas também escrita, oral, informática, matemática.

- Dinamismo na metodologia de conhecer, aprender e pesquisar que possibilite a interatividade através de uma boa rede de informação e comunicação

Este conjunto de metas, como temos vindo a insistir, reveste-se de uma importância determinante na formação, na pesquisa e na intervenção. Insistir neste ponto nunca será demais. Trata-se de uma ideia central que atravessa este texto e assume um relevo especial no âmbito da mediação. A metodologia de conhecer, aprender e pesquisar é uma forma de mediação imprescindível para alcançar os objetivos que qualquer formador, educador, cientista e até artista ou tecnólogo se propõe. Hoje em dia toda essa ação passa por uma dinâmica colaborativa, em equipe, que promova uma rápida circulação da informação e comunicação em rede entre os diferentes atores do processo num determinado projeto ou trajeto e possibilite a dinâmica do seu desenvolvimento. Conhecer, aprender, pesquisar, agir terão de ser realizados numa interação permanente para que tenham não apenas sucesso, mas o maior e melhor sucesso possível, em que a qualidade deverá ser a norma e a excelência, como nos apraz insistir, o alvo a atingir, a manter, a incentivar e a otimizar.

Este é um assunto a que, pela sua relevância, voltaremos, no capítulo seguinte, de uma forma mais focada na pesquisa.

Novos ambientes de aprendizagem presencial, à distância e mistos em espaços e tempos que se expandem, diversificam e especializam

Trata-se de um outro conjunto de metas que estão a ter grande impacto no presente – e maior terão no futuro, estamos certos – e que se reflete no modo como a mediação está e estará presente nas novas formas de conhecer, aprender, pensar, exprimir-se e comunicar. Os ambientes de aprendizagem e pesquisa estão a alterar-se radicalmente, como temos vindo a acentuar. Por exemplo, as grandes estruturas arquitetónicas das bibliotecas e os equipamentos informáticos gigantes que obrigaram a reorganizar alguns dos seus espaços estão a tornar-se obsoletos. Recordamos algumas visitas

a grandes bibliotecas em vários países nos anos 80. A grande preocupação era o espaço. Onde guardar a vertiginosa quantidade de publicações que a cada dia chegava às bibliotecas? Mas não só? Onde instalar computadores e organizar espaços para os utilizadores poderem pesquisar? Hoje tudo, exceto a informação, tende para uma maior pequenez, flexibilidade, funcionalidade, resiliência, ao mesmo tempo em que melhora a eficácia, a qualidade e a competitividade conseguida com menos recursos humanos e materiais. O grande segredo deste milagre é a aposta em tecnologias modernas e adaptadas às tarefas que se querem realizar e na qualidade dos recursos humanos e nas suas formas de organização.

As portas abertas pelas TICs

Como é óbvio, nesses novos ambientes de aprendizagem, as TICs terão um papel cada vez mais relevante. Pelo que acontece hoje dá para antever o que irá acontecer não apenas no curto e no médio prazo, mas, sobretudo, a uma distância um pouco mais distendida no tempo que, a avaliar pelo ritmo que as coisas levam, não será muito distante. Os novos equipamentos e as novas ferramentas informáticas possibilitam a constituição de redes de produção de conhecimento e de contextos de aprendizagem, mas funcionam também como recursos para uma boa gestão da informação e sua transformação em novo conhecimento e em novas formas de intervenção. Falta, no entanto, enfrentar e, se possível, resolver um problema de que já se começa a falar, ou seja, o da influência dos ciberespaços sobre o ser humano que, caso não se encontrem soluções adequadas, poderá pôr em risco o desenvolvimento e a própria vida. Estamos a pensar na aceleração vertiginosa desses mundos ciber em que as redes eletromagnéticas e as eventuais radiações nucleares, ou outras oriundas das origens mais diversas, parecem estar a aumentar e a entrecruzar-se exponencialmente por todo o lado. Terá o homem dos novos tempos capacidade para se adaptar e, de alguma forma, imunizar contra

todos estes ataques ou acabará por não poder subsistir? Essa é talvez uma das grandes interrogações para o homem do futuro para a qual ainda não se antevê uma resposta. Para além da possibilidade de convivência com outros seres inteligentes vindos do fundo do universo que se possam vir a apresentar, começa a existir o receio de se poder vir a criar um mundo onde não será possível continuar a viver e a subsistir.

Capítulo 4. Pesquisa e metodologia

O tema que, porventura, de alguns anos a esta parte, mais deu que pensar e debater foi, sem dúvida, a metodologia e a pesquisa. Efetivamente, quando falamos de metodologia, embora ela seja necessária para realizar toda ou qualquer atividade, designadamente, pedagógica, educativa, social ou cultural, não podemos deixar de associá-la mais direta e especificamente à pesquisa que mantém uma relação sincrônica com o objeto, com o problema a investigar e os fundamentos teóricos.

Também sobre este assunto poderíamos considerar o que recebemos, o que pensamos e sentimos, o que fizemos e sonhamos e o que gostaríamos de sugerir às novas gerações. O mais aberta e claramente possível, sem rodeios nem tibieza porque é, neste âmbito, que o conhecimento terá de continuar a ser aprofundado e a inovação terá que fazer-se com mais discernimento, maior intensidade e determinação.

Os métodos, os processos, as estratégias de pesquisar, debater, conhecer, comunicar e difundir as conclusões mais relevantes ou com maior impacto são imprescindíveis na invenção e inovação científica e pedagógica, na transformação e aplicação tecnológica bem como na criação artística. Mas, sobretudo nas nossas áreas, mais ligadas às ciências sociais e humanas, eles terão de ir bastante mais longe e mais fundo sem ficarem diluídos numa

ISBN 978-85-7274-469-0



9 788572 744690